

*Entrevista com OMIP (Operadora do mercado Ibérico da Energia)*

*Luís Braga da Cruz*

*Chairman / CEO*

*Com quality media press para LA VANGUARDIA & Expresso*

*Quality Media Press - como tem sido a experiência da OMIP nestes últimos meses?*

R. - Eu pessoalmente que fui ministro em 2001, tive a ideia de construirmos um mercado ibérico de energia. Na altura o mercado ibérico de energia seria um conceito meramente político. Construir na península ibérica num espaço regional com um nível de consumo interessante criar um mercado regional na Europa há semelhança do que acontecia nos países escandinavos e também tínhamos a ideia de que com isso estaríamos a convergir para um mercado interno de electricidade. Era uma ideia porque acreditávamos que havia vantagens para os dois países. Quando partimos para este projecto tínhamos a noção de que Espanha era muito maior que Portugal, em termos energéticos Espanha representa 84% em relação a Portugal que só tinha 16%. Fundamentalmente era uma ideia política, tinha alguns objectivos concretos. O primeiro objectivo era melhorar as interligações eléctricas entre os dois países, com um princípio em que Portugal e Espanha formavam quase duas ilhas pouco integradas. Tínhamos como objectivo construir um mercado liberalizado e para isso tinha de existir facilidade de acesso a um mercado conjunto de todos os agentes económicos dos dois países. O segundo objectivo era tentar harmonizar procedimentos que poderiam ir desde melhorar a regulamentação legislativa entre os dois governos até ter algum critério nas definições das tarifas. Finalmente era construir uma única bolsa, um único operador de mercado. Em 2002 houve mudança de governo em Portugal e os novos governantes políticos marcaram nova data de concretização do projecto, depois quando estava em eminência de se concluir 2004, caiu o governo em Espanha, houve aqui também um atraso. 2004 Foi estabelecido um acordo numa cimeira e foi possível que em Outubro de 2004 celebra-se o primeiro convénio de Santiago de Compostela, só em Novembro de 2005 é que ficou definido que o arranque deveria ser em Julho de 2006. Em Maio de 2006 quando começamos a fazer as diligências políticas necessárias para arrancar com este projecto. No dia 3 de Julho a bolsa arrancou, não nas condições ideais, ou seja a bolsa hoje deve ter cerca de 17 membros e não altura tinha 4 ou 5. Após estes meses como balanço temos, em primeiro lugar em termos de liquidez global são 150 milhões de euros corresponde a 2484 kWh. No decorrer destes últimos dois meses temos fundamentalmente operações feitas nos dias de leilão obrigatórias e que resultou bem, 80% do volume é consumido nos leilões. Podemos dizer que não me parece saudável para uma bolsa haver obrigatoriedade dos agentes virem à bolsa, foi uma medida transitória que acredito que possa ser revista brevemente.

Q. - A OMIP está detida em que percentagem pela REN?

R. - A OMIP tem 90% da REN e 10% da OMEL. Há previsto no convénio duas metas. Um ano depois da abertura em Julho de 2007 há obrigação de dispersar o capital social para que cada empresa eléctrica não tenha mais de 3% e a totalidade das eléctricas podem ter 40%. Em segundo lugar outras empresas financeiras do mercado devem ter 60%. Como pode ser feito não lhe posso responder porque isso tem haver com o processo de privatização da REN. Eu particularmente acho que as bolsas eléctricas deveriam ter uma participação mais expressiva dos operadores de rede. A segunda meta é dois anos depois de OMIP ter arrancado, em Julho de 2008 haverá integração dos dois pólos de operadores de mercado num operador único. Como se vai processar ainda está em aberto.

Q. - Entre o que foi projectado em 2001, e que está realizado em 2006 e o que está previsto tem diferenças. Quais as diferenças entre estes 3 momentos?

R. - É importante esclarecer o que cada um tem na cabeça quando se fala em mercado ibérico da energia eléctrica. Para um mercado ibérico é conceber uma estrutura eléctrica perfeitamente integrada, um único regulador, liberalização para todos os agentes operarem no espaço ibérico, ou seja é quase uma utopia. Aquilo que passados 5 anos eu reconheço é que um mercado ibérico sendo um projecto de grande potencial deve ser construído com pequenos passos, ou seja vai-se fazendo e não se desencadeia. Não depende só de uma decisão política, do grau de convicção dos governos e dos agentes mais importantes que os dois governos têm sobre as virtudes da liberalização da rede eléctrica, mas dependem também da atitude das pessoas. Hoje em Espanha não são os melhores dias para o mercado, perdeu muita liquidez em 2006, houve uma grande transferência de negociação que se fazia na bolsa para fora da bolsa. As operações não se fazem na bolsa mas num sistema paralelo, eu acho que não é bom para afirmação. O cidadão tem que estar mais consciente sobre as vantagens da liberalização do sector eléctrico, fazendo um balanço destes 5 anos acho que nós fizemos pouco esforço nesse sentido. É necessário que os cidadãos tenham mais fé no futuro da liberalização do sector eléctrico.